

MENSAGENS CRIPTOGRAFADAS NOS DIÁRIOS DE CECÍLIA DE ASSIS BRASIL (1916-1933) E A PRIVACIDADE NA PESQUISA HISTÓRICA

ADRIENE COELHO FERREIRA JEROZOLIMSKI¹; VANIA GRIM THIES²

¹Universidade Federal de Pelotas – adrienejero@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – vaniagrim@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho¹ faz parte da pesquisa de doutorado que está em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), vinculada ao Centro de Memória e Pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales)². O objetivo é refletir sobre a privacidade no uso de diários pessoais como fonte para a pesquisa histórica, a partir de mensagens criptografadas registradas nos diários de Cecília de Assis Brasil.

Cecília de Assis Brasil (1899-1934) recebeu destaque na história do Rio Grande do Sul com a publicação da obra *Diário de Cecília de Assis Brasil (período 1916-1928)*, em 1983 pela Editora L&PM. A motivação para a publicação era o interesse pela figura do pai³ da moça e seu envolvimento nos acontecimentos políticos e nos lances revolucionários que marcaram o Rio Grande do Sul e o Brasil no início do século XX (Reverbel, 1983). Em 2024 uma coleção de 6 diários escritos entre 1918 e 1933 foi localizada e os manuscritos, digitalizados, foram disponibilizados para esta pesquisa.

Ao acessar os diários originais, não editados, além dos textos escritos sobre diversos temas, como a vida pessoal, o cotidiano rural e a política da época, foi possível acessar, entre as diferentes modalidades de escrita e visualidades, um texto criptografado. Criptografia é uma técnica que consiste em transformar dados legíveis em um formato ilegível para que apenas quem tenha a chave correta possa decifrá-los. O desafio de decifrar os códigos utilizados por Cecília de Assis Brasil, que registra, mas, ao mesmo tempo, esconde seu conteúdo, nos levou a refletir sobre a questão da privacidade na pesquisa histórica, tendo como fontes os diários pessoais.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

² Para saber mais sobre o Hisales: site - wp.ufpel.edu.br/hisales, redes sociais - @hisales.ufpel (Facebook e Instagram) e pelo e-mail - grupohisales@gmail.com.

³ Joaquim Francisco de Assis Brasil (1857-1938) foi um personagem importante na história do Rio Grande do Sul e do Brasil pela sua atuação como advogado, político, escritor, produtor rural, diplomata e estadista. Como representante do governo brasileiro, ocupou cargos no México, Argentina, Portugal, China, Estados Unidos e no Rio de Janeiro, com grande destaque nos principais acontecimentos do seu tempo. Era um hábil político e orador. Propagandista da República e da democracia, desenvolveu teses sobre o desenvolvimento econômico e social do Rio Grande do Sul e do Brasil. Também é reconhecido pelas suas contribuições à legislação eleitoral brasileira, na redação e aprovação do primeiro Código Eleitoral brasileiro (Rio Grande do Sul, 2020).

2. METODOLOGIA

Na análise do diário referente ao ano de 1926, entre as diversas modalidades de escrita em diversas línguas (português, inglês, espanhol, francês e alemão), foi identificado um texto formado por uma combinação de caracteres que embora não fizesse sentido à primeira vista, não aparentava ser aleatória, devido estar organizada, aparentemente, em grupos. Na última linha, há uma sequência de números.

No diário referente ao ano de 1925, já havia sido identificado o desenho recortado de um quadrado com subdivisões coloridas, com a mesma série de números à direita, além de uma frase criptografada e uma legenda informando que se tratava de uma chave. Geralmente, quando se trata de códigos secretos, existem chaves para decifrar textos e mensagens criptografadas, ou seja, códigos que permitem revelar as mensagens ocultas. O que à primeira vista pareceu sem sentido, poderia ser desvendado?

Foi possível relacionar a chave a um método conhecido como La Grille de Cardan, proposto pelo polímata italiano Girolamo Cardano (1501-1576) em 1550. Inferimos que o método original foi modificado por Cecília de Assis Brasil para dificultar seu uso; após meses de tentativas e erros, porém, foi possível perceber que se trata de uma mensagem de amor, possivelmente por uma pessoa de outra classe social, o que tornaria o sentimento impossível de ser vivido e, por isso, precisou ser criptografado.

O objetivo deste trabalho não é apresentar o método utilizado para a leitura do texto, mas sim refletir sobre a prática - comum entre diaristas - de preservar segredos e tentar transformar o diário em um espaço inviolável. Ao mesmo tempo, foi possível refletir sobre o interesse dos historiadores, na atualidade, em analisar e interpretar esses códigos para, assim, contribuir com os estudos históricos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O diário é um gênero textual de caráter memorialístico que registra experiências, reflexões e eventos cotidianos em tom confessional e espontâneo que seguem geralmente uma sequência cronológica (Thies, 2008). É escrito por vários motivos e responde a necessidades de confissão, de justificação ou de invenção de novos sentidos para o cotidiano (Calligaris, 1998), aspectos que podem estar combinados na escrita. Apesar do aspecto privado e íntimo, desde meados do século XX as escritas autobiográficas e os diários passaram a ser encarados como documentos privilegiados em nossa cultura, ampliando o uso de fontes para a escrita da História (Cunha, 2020).

Diários são documentos que por serem considerados registros pessoais, geralmente incluindo confidências e segredos, em muitos casos são destruídos pelos próprios autores ou por seus descendentes, que os censuram justamente para preservar a imagem pública de quem os escreveu. Se por um lado ler ou publicar um diário pode destruir reputações, por outro, demonstra que os indivíduos não têm uma trajetória homogênea, coerente e linear. Ter isto em mente é fundamental para evitar o que o sociólogo francês Pierre Bourdieu (2006) chamou de “ilusão biográfica”, ou seja, a crença de que a vida é marcada pela coerência e pela linearidade. Pelo contrário, a trajetória dos indivíduos passa por muitas alterações ao longo da vida. Utilizada para esconder confissões de curiosos, a comunicação secreta também pode ser útil para manter determinadas

informações protegidas, como é o caso de seu uso em guerras e revoluções onde ações clandestinas e estratégias militares exigem confidencialidade.

Os estudos sobre códigos em diários no Brasil tem como um caso representativo o *Diário Íntimo*, de José Vieira Couto de Magalhães (1837-1898), militar e político mineiro do Império brasileiro. Foi escrito durante uma estadia a trabalho em Londres entre os anos de 1880 e 1887. Minucioso, o general registra detalhes do dia, desde o horário em que recebeu a correspondência até os sonhos eróticos com figuras masculinas. Além de escrever em português, quando suspeita que a intimidade pode lhe causar problemas, passa a escrever em tupi ou em códigos (Henrique, 2005).

No diário de 1916, Cecília reclama da curiosidade de alguns membros da família a respeito de seus escritos e registra que ficou furiosa quando encontrou as irmãs revistando sua gaveta privada. Na escrita, é possível identificar questões relacionadas ao controle ou curiosidade das irmãs mais velhas sobre o diário e a resignação de Cecília, mas também revolta quanto à invasão de sua privacidade. O que vemos nos diários referentes aos anos seguintes é que, mesmo sabendo que seria lida, Cecília não deixa de emitir suas opiniões, até mesmo sobre as irmãs.

Cecília descreve com rigor e disciplina o cotidiano rural e a política no início do século XX, mas, consequentemente, escreve sobre si, pois, como discute Cunha (2020), "quem escreve leva em consideração o desejo de perpetuar-se e, mais que isso, constitui sua própria identidade" (Cunha, 2020, p. 159). Também é importante, para Henrique (2005), ao se analisar diários pessoais, refletir sobre a intencionalidade da não publicação. Quem registra códigos, mas quer, ao mesmo tempo, esconder informações, leva em consideração o risco que corre, pois, ao registrar suas memórias no papel, está criando um documento que pode ser lido. Mesmo quando cria códigos para dificultar sua leitura, sabe que pode demorar, mas todos os códigos, teoricamente, são feitos para serem decifrados.

Mais do que a preocupação em buscar coerência na trajetória de uma vida, o acesso ao mundo íntimo dos diferentes sujeitos históricos, como discute Mauad (2010), com suas práticas sociais historicamente identificadas no seus tempos e espaços, contribuem para a produção de uma história das sensibilidades, das sociabilidades e das subjetividades. Algo impensável sem o auxílio dos atos autobiográficos.

4. CONCLUSÕES

A guarda de papéis muitas vezes considerados ordinários ou dignos do fogo, como diários e cartas, amplia o universo de fontes para a escrita da História. Os diários de Cecília de Assis Brasil, a partir das múltiplas modalidades de escrita e visualidades, permitem investigar sua formação intelectual, influências culturais e suas redes de sociabilidade. É preciso um olhar atento para as materialidades para captar informações que à primeira vista podem parecer irrelevantes ou secundárias, como no caso de mensagens criptografadas, mas que informam sobre o contexto em que foram criadas, contribuindo com os estudos em diversas áreas do conhecimento, entre elas, a História da Educação.

5. REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. p. 183-191.

CALLIGARIS, Contardo. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. **Revista Estudos Históricos**: Arquivos Pessoais. v.11, n. 21, p. 43 - 58. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC, 1998. p. 43-58.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Diários Pessoais: Territórios abertos para a História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (org). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2020. p. 251-279.

HENRIQUE, Márcio Couto. Um Toque de Voyeurismo. **PHYSIS**: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, 2005. p. 285-303 Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/physis/2005.v15n2/285-303/pt> Acesso em: 10 mai 2025.

MAUAD, Ana Maria Mauad; CAVALCANTE, Paulo. Escrita de si e escrita da história - fontes biográficas. *In*: MAUAD, Ana Maria. **História e Documento**. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010. Aula 19, p. 221-235. Disponível em: <https://canal.cecierj.edu.br/recurso/6814>. Acesso em: 10 mai 2025.

REVERBEL, Carlos. Introdução. *In*: ASSIS BRASIL, Cecília de. **Diário de Cecília Assis Brasil**: período 1916-1928. Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 5-10.

RIO GRANDE DO SUL. Tribunal Regional Eleitoral do Rio Grande do Sul. **A preservação do Legado de Assis Brasil**: Pioneiro da democracia brasileira. 2020. Disponível em: https://ava.tre-rs.jus.br/ejers/pluginfile.php/11294/mod_resource/content/2/A%20preserva%C3%A7%C3%A3o%20do%20legado%20de%20Assis%20Brasil.pdf Acesso em: 15 jan. 2023.

THIES, Vania Grim. **Arando a terra, registrando a vida**: os sentidos da escrita de diários na vida de dois agricultores / por Vania Grim Thies. – 2008. 118f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2008.